

O primeiro passo

EM FACE das mais recentes pesquisas dos quatro principais institutos, independentes uns dos outros e competitivos entre si, não será temerário esperar que Fernando Henrique Cardoso esteja eleito presidente da República ao anoitecer de segunda-feira.

SOBRE a campanha, o desespero de perdedores lançou alguma lama nos dias finais. Não se diga que os discursos caluniosos, injuriosos ou difamatórios são inerentes ao processo eleitoral, como se fossem o sal da democracia. São, isso sim, o preço que se paga pela persistência na defesa da liberdade enquanto não se alcança — se é que se alcançará algum dia — o grau de civilização almejado e que só a prática intensa e a ampla educação podem viabilizar. Na verdade, esse grau não se atingiu até agora nem mesmo em algumas das mais antigas e mais sólidas democracias do mundo.

É FORÇOSO reconhecer que nunca antes, no Brasil, travou-se disputa eleitoral tão abrangente e ao mesmo tempo tão tranqüila, tão honesta e tão equânime.

A ESTA altura, dispensa discutir o efeito eleitoral do Plano Real. Ele é óbvio. Fernando Henrique, de qualidades de homem público reconhecidas pelos mais encarniçados adversários, está sendo eleito porque, como ministro da Fazenda, propôs ao presidente Itamar um plano de estabilização econômica democrático, transparente e de mais alta competência. Essa proeza foi possível graças a haver ele constituído uma das mais brilhantes equipes de especialistas jamais recrutadas para a luta contra a inflação.

CUMPRE, entretanto, destacar que nem Fernando Henrique nem qualquer dos administradores do Plano Real apresenta esse trabalho

como a panacéia que, sozinha com o que até agora foi feito, possa debelar para sempre a inflação. Pelo contrário, ainda na fase mais aguda da campanha, a verdade sempre foi proclamada: o que se fez até este momento fracassará se não for completado com as reformas estruturais.

O GOVERNO não está mentindo. Agora mesmo, poucos dias antes da eleição, o ministro Ciro Gomes sinceramente anuncia um índice seguinte de 2% de inflação, nada satisfatório, decorrente de alguns aumentos setoriais de setembro.

É MUITO diferente do Plano Cruzado. Naquele, o povo acreditou que a inflação podia ser extinta por mero passe de mágica. E frustrou-se amargamente nessa crença. O povo, portanto, está vacinado contra ilusões — e se apóia agora o plano de estabilização o faz com o pleno conhecimento de que a penosa batalha contra a carestia apenas começou, e exigirá ainda muitas mudanças e muitos sacrifícios dos privilegiados em benefício dos desfavorecidos.

O QUE nos remete a outro aspecto da maior gravidade desta eleição: a formação e os deveres do novo Congresso Nacional.

DESDE logo, há uma diferença fundamental entre a eleição do presidente e a dos parlamentares. A primeira se faz com o conhecimento exaustivo, por todo o povo brasileiro, das idéias e dos programas dos candidatos; a outra, com um índice inédito de nebulosidade. Porque o horário gratuito para os parlamentares foi o desfilar constante, em muitos, de desconhecidos impossibilitados de expor seu pensamento, quando o tinham. E o fim da era dos comícios, rareados pelo desinteresse popular e em geral trocados por confortáveis carreatas, agravou a ignorância popular sobre as personalidades aspiran-

tes ao primeiro mandato.

DAI resultará, provavelmente, um espetacular índice de votos em branco e nulos para o Congresso, e muita reeleição. Desta, pode-se extrair algum otimismo. É quase certo que retornarão, excetuados os que pleitearam outros postos, aqueles deputados e senadores de espírito público e integridade que naturalmente influem sobre o todo da instituição, pela forte liderança que exercem.

ORA, é a esse Congresso imprevisível que Fernando Henrique se dirigirá, caso eleito no primeiro turno, com a extraordinária autoridade de quem traz o voto consciente da maioria absoluta do povo brasileiro — não por causa do cara-ou-coroa do segundo turno, mas pela aprovação dos seus atos e do seu discurso. Seu objetivo será a realização das reformas indispensáveis para o fim absoluto da inflação e a retomada da prosperidade nacional, com a correção das graves injustiças sociais hoje universalmente reconhecidas.

É CLARO que a conquista dessas reformas exigirá persistente negociação, muito empenho do Executivo, todas as explicações necessárias. E é de esperar, confiantemente, que o Congresso agora eleito se integre na tarefa de atender à manifestação profunda da vontade popular expressa na eleição de Fernando Henrique. Sendo assim, tudo leva a crer que pela primeira vez teremos um presidente da República amparado, desde o início do seu governo, por coesa maioria no Congresso.

A ADESÃO consciente do Legislativo será fundamental para que, sob a liderança do chefe do Governo — como é da própria natureza do sistema presidencialista — a sociedade inteira se mobilize em torno do projeto de recuperação nacional iniciado com o Plano Real.